DIÁRIO de Notícias

Dia: Domingo, 4 de Novembro de 2001
Ano:
Nº:

Categoria: Revista do Diário - Reportagem
Pág: 10

DIÁRIO de Notícias

Dia: Domingo, 4 de Novembro de 2001
Ano:
Nº:

O medo do fracasso e as barreiras que lhes são colocadas pelas grandes companhias afastaram-nos, por muitos anos, dos palcos. Mas, as pessoas portadoras de deficiência, mesmo quebrando os conceitos tradicionais, também podem ser bailarinos profissionais.

Na roda da dança

Texto de Márcio Abreu
Fotografia de Emídio Luisi (Fotograma) e Henrique Amoedo

Um corpo belo e perfeito sempre foi, durante um longo historial da dança contemporânea, um conceito inabalável, afastando dos palcos todos aqueles que não correspondiam aos padrões. Uma cadeira de rodas apenas aparecia em casos excepcionais ou quando fazia parte do cenário. Hoje, esse equipamento, imprescindível às pessoas com deficiências motoras, é uma imagem de marca para uma nova forma artística: a dança inclusiva.

Utilizando todos os estilos e técnicas da dança contemporânea, surgiu pela primeira vez em 1979, nos Estados Unidos, o conceito de "Nova Dança", um espectáculo onde todas as pessoas, independentemente das suas etnias, habilidades físicas e/ou condição económica pudessem apresentar-se ao público como bailarinos profissionais.

É nesse âmbito que surge agora na Madeira um projecto pioneiro a nível nacional, denominado "Dança Inclusiva", que tem como destinatários as pessoas portadoras de deficiência. Promovido pelo Serviço de Arte e Criatividade, da tutela da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, a coordenação deste projecto específico está a cargo de Henrique Amoedo, um estudioso na matéria e responsável pela divulgação deste tipo de dança por várias localidades do Brasil.

O mercado dos bailarinos portadores de deficiências não é assim tão pequeno quanto se julga. É, apesar de tudo, um meio restrito porque geralmente essas pessoas não são aceites nas grandes companhias mundiais. Quando se pensa na dança, salta-nos logo à mente a pessoa com o corpo perfeito e bonito e essa é, à partida, a principal barreira psicológica.

Mas o direito à diferença não se fica pelas etnias ou condicionantes físicas. No Canadá, por exemplo, existe uma companhia chamada Big

Categoria: Revista do Diário - Reportagem
Pág: 11

DIÁRIO de Notícias

Dia: Domingo, 4 de Novembro de 2001
Ano:
Nº:

Band, que tem como critério principal o facto dos seus elementos terem no mínimo 150 quilos. Este caso é mais uma excepção à "regra", mas o importante, segundo Henrique Amoedo, «é que não fosse considerado como tal, que fosse entendido como normal».

No entanto, o espectáculo de dança inclusiva não tem de recorrer às cadeiras de rodas para atingir o seu objectivo. Isso faz parte da imagem inicial para lançamento dos novos projectos, o que também acontece na Madeira. Quando chegar ao final, o grupo deverá apresentar um produto artístico e aí não importa que apareça ou não uma cadeira de rodas, salienta o coordenador do projecto. O que vale é o resultado do espectáculo: «Não temos de mostrar a cadeira de rodas nem a deficiência, mas também não temos de a esconder. Ela é uma coisa que existe mas que ninguém quer mostrar, pelo menos intencionalmente».

Nos Estados Unidos, na perspectiva de Henrique Amoedo, os artistas não escondem nada acerca da sua deficiência e por vezes até tentam deixar isso bem demarcado, mostrando os órgãos amputados. No Brasil e em Portugal, se o fizessem, provavelmente seria mal aceite. Mas isso tem a ver com a cultura de cada povo, e diferencia-se muito de um país para outro. No mundo oriental, não se conhece praticamente nada relacionado com este tipo de projectos: «São dois mundos diferentes que não se cruzam muito», salientou o estudioso.

O coordenador do projecto iniciará a formação na Região tendo em conta uma vertente terapêutica e educacional, quer para as pessoas com e sem deficiência motora. É importante, quando se leva a cabo um projecto deste género, ter em conta as questões de saúde, procurando passar a informação entre os elementos, para que saibam os seus limites e não compliquem os seus problemas de saúde.

A própria pessoa tem de conhecer a sua deficiência, mas as que trabalham com ele

também. O aspecto educacional tem lugar quando se ensina algo a essa pessoa sobre a sua deficiência, mas também tem a ver com a cidadania. Fazer com que as saibam lidar com estes problemas e que os aceitem como iguais é um dos principais objectivos do projecto em curso na Região.

Só depois destas duas fases é que Henrique Amoedo passará para o plano artístico, em que os elementos serão lançados para o palco e ser-lhes-á dada a oportunidade de fazer parte de um espectáculo.

No entender do orientador do projecto, qualquer indivíduo consegue ser bailarino, desde que tenha dedicação. «O que acontece com a pessoa com deficiência é que ela própria se recusa a tentar, porque o corpo dela é diferente e porque está fora de um padrão convencional de bailarino. Esta é a primeira barreira. Depois disso, torna-se tudo mais fácil. Uma pessoa que

Categoria: Revista do Diário - Reportagem
Pág: 12

DIÁRIO de Notícias

Dia: Domingo, 4 de Novembro de 2001
Ano:
Nº:

tem uma deficiência física não é um "coitadinho", mas ele próprio tem que batalhar por aquilo que pretende. Não é ficar à espera que alguém lhe dê uma oportunidade».
Ester Vieira, coordenadora do serviço de Arte e Criatividade, acredita que «há muita tendência para as pessoas com deficiência esconderem os seus problemas. Mas a maior parte deles encontra as barreiras nas próprias famílias, que têm receio de experimentar algo novo, não acreditam que eles sejam capazes, não lhes dão motivação e não os ajudam. Então fazem-se "coisas" tontas que só tornam as vidas das pessoas com deficiência ainda mais insuportáveis».
No seu entender, «temos que acreditar que isto é possível, porque já se faz noutro sítio. E temos que copiar as coisas boas e recriar, adaptando à nossa realidade. De facto, o novo projecto dará mais relevo àquilo que se faz no serviço. Nós tentamos sempre incorporarmo-nos nas actividades das escolas, mas queremos ir mais longe, e lançar os nossos alunos no mercado artístico. Basicamente, as actividades têm carácter educativo, mas para aquelas pessoas que se destacam e que tenham competências para tal, terão logicamente todo o nosso apoio para o lançamento artístico».
No que diz respeito à dança inclusiva, é conhecida pelo Mundo inteiro através de uma série de designações: dança em cadeira de rodas, dança habilitativa, dança com pessoa portadora de deficiência e muitos mais, dependendo do país e da língua. Mas, na realidade, todos trabalham na tentativa de dar uma oportunidade de inclusão à pessoa deficiente.
A pessoa mais conhecida no mercado internacional, na área da dança inclusiva, é Celeste Dandeker. É uma inglesa que foi durante muitos anos uma bailarina profissional, até ter um acidente em palco que a deixou numa cadeira de rodas. Muitos anos depois, sem participar em qualquer espectáculo, é convidada pelo bailarino e coreógrafo Darshan Singh Bhuller para participar numa curta metragem produzida pela BBC2. Após a realização do filme conhece Adam Benjamin, que desenvolvia um projecto de dança com pessoas portadoras de deficiência e surge, em 1991, na CandoCo Dance Company, uma referência mundial da actualidade da dança inclusiva.

Nos Estados Unidos, é comum assistir-se a espectáculos em que se exibe os membros amputados. Em Portugal, talvez a ideia não fosse tão bem aceite.

Também em Portugal já se vão assistindo a espectáculos do género, a exemplo de um que decorreu recentemente no Centro Cultural de Belém, com uma companhia de dança espanhola. O espectáculo foi um sucesso e teve lotação esgotada. Isto significa que, mesmo em Portugal, existe um vasto público para este tipo de espectáculos, principalmente porque as pessoas têm alguma curiosidade.
«Mas o produto para vingar, como qualquer outro, tem que ter qualidade, porque a curiosidade não é suficiente para fazer com que seja um sucesso. Se o espectador sai da sessão e diz que viu um espectáculo de dança maravilhoso e não que viu pessoas deficientes a dançar, então o nosso objectivo está cumprido», salienta Henrique Amoedo.
O coordenador deste projecto, proveniente do Brasil, já trabalha nesta área há cerca de oito anos. Fez uma licenciatura em Educação Física e depois uma especialização em Consciencialização Corporal. Após isso, formou uma companhia de dança, chamada Roda Viva, que é hoje uma companhia profissional. Uns tempos depois, veio para Portugal fazer um mestrado em dança. No entanto, houve algo que o cativou: «Eu nunca tinha feito dança antes disso, fui atleta e joguei andebol desde novo. A minha ideia era ser técnico ou professor na área de educação física. Só que assisti a uma apresentação de dança de uma professora com uma menina que tinha paralisia cerebral e deficiência mental. Isso cativou-me e deu-me interesse para seguir essa área».

Celeste Dandeker tornou-se numa das figuras mais conhecidas da dança inclusiva, após um acidente que a deixou na cadeira de rodas.

O projecto que iniciou no Brasil, na cidade de Natal, não teve sucesso logo à partida. A população não sabia o que era a dança inclusiva, e achava que era impossível levar a cabo o projecto. Este começou com uma única pessoa com deficiência, que estava num hospital em fisioterapia e não tendo como ocupar os seus tempos livre se mostrou disposta a experimentar. As pessoas foram sabendo do projecto, assistiam aos espectáculos, até que realizou-se a primeira apresentação, a partir da qual começou a haver muito mais adesão. Nesse espectáculo, participaram 4 pessoas sem deficiência e apenas uma com deficiência.
Para além das suas apresentações na cidade de Natal, Henrique Amoedo já apresentou espectáculos de dança inclusiva em vários locais. Nos Estados Unidos participou no primeiro festival internacional de dança em cadeira de rodas. Foi um encontro, que reuniu gente de todo o Mundo e mostrou uma diversidade muito grande dos temas tratados.
A forma como vê o empenho neste género artístico nos Estados Unidos está relacionado, com o facto da população daquele país estar ainda a sofrer as consequências da Guerra do Vietname, em que muitas pessoas ficaram com os seus órgãos amputados. Isso faz, na sua perspectiva, com que haja maior consciência dos governantes com essas pessoas, dando-lhe meios para que possam viver melhor.
No entanto, segundo observou nas suas deslocações, em alguns locais da Europa ainda não há grande sensibilização para os problemas dos acessos, mas também é verdade que a questão da orografia não ajuda muito, assim como a antiguidade dos prédios. O mesmo acontece na Madeira, mas diz conhecer alguns esforços no sentido de melhorar a situação.
No que diz respeito ao projecto de dança inclusiva, que está a ter lugar na Região desde o início de Outubro, a adesão foi mais significativa por parte das pessoas sem deficiência do que se esperava, em detrimento dos verdadeiros alvos da campanha. No entanto, segundo Henrique Amoedo, «ao trazermos o projecto para cá, e sendo pioneiro em Portugal, estávamos preparados para algumas alterações tendo em conta as dificuldades que poderíamos encontrar».
Todos os participantes vão trabalhar juntos durante quatro meses. Após esse período, serão divididos em grupos. Um deles será o grupo principal, com um máximo de 15 elementos, que terá foco artístico e que é aquele que será apresentado ao público regional e nacional. Os grupos secundários continuarão a formação e também poderão, mais tarde, apresentar os seus trabalhos ao público.
O serviço de Arte e Criatividade, liderado por Ester Vieira, tem doze anos de existência e vai continuar a trabalhar no sentido de promover a integração das pessoas portadoras de deficiência na sociedade, até que sejam tratados como iguais. A próxima aposta é o Festival de Arte e Criatividade, já na sua terceira edição, que já está a decorrer.

mabreu@dnoticias.pt

Categoria: Revista do Diário - Reportagem
Pág: 13